

POLÍTICA OPERÁRIA

A CLASSE OPERÁRIA DEVE COMBATER A POBREZA, A MISÉRIA E A FOME

Os explorados padecem da mais dura violência do capitalismo, que é a fome. A classe operária, os camponeses e demais trabalhadores produzem as riquezas que ficam em poder da minoria capitalista. Essa minoria é proprietária dos meios de produção, mas quem produz são os assalariados e os camponeses. Os assalariados vendem a sua força de trabalho por um salário baixo. Milhões recebem de 1 a menos de 1 salário mínimo. Os camponeses pobres são aqueles que vivem da produção familiar, ou são pequenos proprietários. E em pior situação estão os sem-terra. Esse conjunto de trabalhadores forma a maioria nacional oprimida. Entre essa maioria existem milhões de famílias que passam necessidades e convivem diariamente com a fome. Uma recente pesquisa constatou que 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer.

Os capitalistas não podem acabar com a pobreza e a miséria, porque dependem da exploração dos trabalhadores para lucrar e concentrar riquezas. Os governantes também não podem resolver esse grande problema social, porque dependem dos capitalistas para se manter no poder. Somente a classe operária e os demais oprimidos

podem lutar contra essa chaga do capitalismo. Mas, para isso, têm de se unir em defesa de um programa próprio de reivindicações e arrancar os sindicatos das mãos da direção vendida ao patronato.

A luta da classe operária contra a pobreza, miséria e fome está diretamente ligada à defesa dos empregos, da estabilidade, do fim da terceirização, da redução da jornada de trabalho sem reduzir os salários, do salário mínimo vital, do fim dos layoffs, PDVs e outras medidas patronais. É parte dessa luta a defesa da revogação da reforma trabalhista e previdenciária, de Temer e Bolsonaro.

O Boletim Nossa Classe luta pelo fim da miséria e da fome. Luta por um programa de reivindicações que protege os trabalhadores da brutal exploração do trabalho e das crises do capitalismo. Luta para que a classe operária recupere seus sindicatos para combater a fome. E luta para que os explorados compreendam a necessidade de acabar com o capitalismo e construir a sociedade socialista, sem a exploração do homem pelo homem.

Que os sindicatos e centrais rompam com a política do governo burguês

O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC realizou, em 16 de junho, uma marcha que saiu da sede até o centro de São Bernardo, em protesto contra a taxa de juros, atualmente de 13,75%. O seu presidente, Moisés Selerges, declarou durante a manifestação “este é um recado aqui do ABC, não duvide de nossa capacidade, temos sangue de luta nas nossas veias”. Tudo conversa fiada! O acordo negociado no final do ano passado, pelo Moisés Selerges, permitiu que a Mercedes terceirizasse e demitisse 3600 trabalhadores. Essa é a verdade que comprova que esses

pelegos não têm nada de sangue de luta nas veias. Esses traidores abandonaram há muito tempo a luta em defesa dos empregos, salários e direitos.

A CUT, a Força Sindical e demais centrais ajudaram a eleger o governo burguês de Lula/Alckmin. Agora, querem que os operários deixem de lutar por suas reivindicações e apoiem as propostas patronais, como a redução da taxa de juros, ICMS e IPI. Qualquer trabalhador sabe que, no chão de fábrica, conversando com os companheiros, a maior reclamação são os baixos sa-

lários e a terceirização, que reduz os salários e retira direitos.

O Boletim Nossa Classe denuncia a farsa da direção que serve para defender os interesses da FI-ESP, abandona as reivindicações dos operários e faz acordos de demissão com as multinacionais. A direção conciliadora, assim, ajuda os capitalistas a manterem milhões na miséria e mergulhados na fome. O Boletim Nossa Classe chama os companheiros a construir uma oposição classista e combativa para expulsar dos sindicatos os vendidos.

Campanha em defesa da readmissão do operário da Volks José Parane, conhecido como “Zé galinha”

José Parane foi demitido por justa causa, logo após a eleição para a direção do Sindicato Metalúrgico do ABC. Está claro que se trata de uma perseguição política. O companheiro sempre fez críticas às medidas da Volks que prejudicavam os trabalhadores. Nunca escondeu suas divergências com a direção do sindicato, que faz acordos de layoff e PDV. Nunca escondeu sua raiva operária contra o avanço da terceirização, o rebaixamento salarial e as demissões.

Nas eleições para o Comitê Sindical de Empresa e para a direção do sindicato, Zé Galinha se colocou a favor de organizar a oposição chamada “Opção Democrática”. Foi justamente por esse posicionamento clas-

sista, democrático e combativo que a direção da multinacional alemã o demitiu.

O fato da direção do Sindicato Metalúrgico do ABC não ter se colocado contra a violenta medida patronal contra José Parane é um grave erro. É preciso corrigir essa conduta antioperária, convocando imediatamente uma assembleia na Volks para aprovar a luta pela readmissão de José Parane. Que o sindicato organize uma campanha em todas as fábricas pela readmissão do companheiro. Que essa campanha chegue a todos os sindicatos para que fortaleçam a luta pelas liberdades sindicais e políticas.

BOLETIM NOSSA CLASSE LUTA CONTRA A TERCEIRIZAÇÃO

Mais um operário é vítima da exploração de empresas terceirizadas

No dia 22 de junho, uma explosão dentro da Braskem, de Santo André, matou o operário caldeireiro Marcos Antônio da Conceição e deixou feridos o soldador Edson Manoel Santos Mascarenhas e o caldeireiro Welquer Barbosa de Jesus.

Todos os operários eram da Tenenge, antiga Odebrecht (hoje faz parte do grupo Novonor). Trabalhavam na empresa terceirizada prestadora de serviços para a Braskem. Diante da notícia, as direções dos sindicatos dos químicos, metalúrgicos ABC e Construmob lamentaram a morte e os ferimentos, mas somente em palavras, porque não convocaram assembleias para organizar a luta contra a terceirização.

A vida dos operários dentro do polo petroquímico é breve, os produtos químicos altamente venenosos se alojam nos pulmões e vão matando lentamente. Mas além destes, temos as leis capitalistas que sufocam dia a dia milhões de trabalhadores. Foi o que se passou na Braskem, com os operários contratados indiretamente pela empresa terceirizada Tenenge.

A luta para pôr abaixo a Lei da terceirização é urgente. Essa modalidade de contrato precário vem se alastrando, porque é uma forma das grandes empresas se livrarem dos contratos diretos. O governo Lula já disse que não revogará a Lei da Terceirização, nem as contrarreformas trabalhista e previdenciária de Temer e Bolsonaro. Os dirigentes dos sindicatos, mesmo diante da morte de operários e da enorme superexploração das terceirizadas, continuam de braços dados com o governo Lula e de costas para os trabalhadores.

O Boletim Nossa Classe defende que é hora de dar um basta a essas direções pró-patronais e se colocar pela constituição das oposições classistas e de luta. Somente uma direção comprometida com o programa próprio da classe operária pode unir os operários em torno à bandeira de fim da terceirização e proteção da vida dos trabalhadores.



Contra as demissões, a terceirização e os layoff: aprovar a greve! Ocupar as fábricas!

A Mercedes-Benz informou ao sindicato que pretende terceirizar, até dezembro de 2024, 500 postos de trabalho da área de distribuição de peças de reposição e manufatura, da unidade de Campinas. A terceirização significa a demissão para os trabalhadores efetivos e baixos salários para os terceirizados.

A Volks anunciou que vai parar a produção nas suas três fábricas de automóveis. A justificativa é de que caíram as vendas. Em São José dos Pinhais, colocou um turno em layoff. Em Taubaté, impôs o banco de horas. Em São Bernardo, decretou férias coletivas de dez dias para dois turnos de produção.

A General Motors, de São José dos Campos, pretende suspender o contrato de 1200 operários durante 10 meses, e colocá-los em layoff, a partir de julho. Na Firestone de Santo André, o sindicato negociou um acordo que permite a empresa eliminar 490 postos de trabalho, através do PDI – Programa de Demissão Incentivada. A empresa oferece alguns salários como indenização e depois faz todo tipo de pressão para atingir sua meta de demissão. Se não atingir a meta, ela indica os que serão demitidos.

O Boletim Nossa Classe luta para que os trabalhadores rejeitem qualquer acordo apresentado pelo sindicato que inclua demissão, terceirização, redução de salários, corte de direitos e layoff. Devemos exigir que os sindicatos convoquem assembleias gerais e aprovem a greve, com ocupação das fábricas, para fazer uma luta nacional, pela redução da jornada de trabalho, sem redução de salários. Fim da terceirização e efetivação de todos os trabalhadores terceirizados.

Lutar por emprego a todos e um salário mínimo vital

Se o Sindicato dos Metalúrgicos, Químicos, Borracheiros, Transportes e demais setores de trabalhadores do país fizessem assembleias democráticas em todas as fábricas. E se perguntassem qual é a principal reivindicação dos trabalhadores, seguramente os operários iriam responder que é receber um salário que seja suficiente para manter suas famílias. Os operários diriam aos dirigentes, que é impossível viver com o salário mínimo miserável de R\$ 1320,00, aprovado pelo governo burguês de Lula e pela oposição reacionária bolsonarista. Se os sindicatos perguntassem aos trabalhadores por quais reivindicações deveríamos lutar, nenhum operário iria responder pela redução da taxa de juros, ou

pela redução de ICMS, ou IPI para os carros. Mas iriam responder que seus salários estão baixos e que correm o risco diário de demissão.

As montadoras se beneficiam com a ajuda do governo, e continuam demitindo e colocando os trabalhadores em layoff, banco de horas, férias coletivas. O que tem como consequência a perda de direitos. Se perguntado, os operários responderiam para os sindicatos, que é necessário lutar para aumentar os salários e direitos, que é necessário lutar por um piso salarial, que seja suficiente para manter suas famílias. Segundo estudo do Dieese, o salário mínimo para manter uma família de quatro pessoas deve ser de no mínimo, R\$ 6.500.

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos convoquem as assembleias em todos os ramos de produção, para aprovar um Dia Nacional de Luta, com paralisação da produção, manifestações e bloqueios. Esse dia de paralisação seria um passo para preparar a greve geral, para impor aos patrões e ao governo a redução da jornada de trabalho, sem redução de salários, colocar fim ao desemprego, dividindo as horas necessárias para produzir nacionalmente entre todos os trabalhadores aptos ao trabalho. Por um salário mínimo vital, que seja suficiente para manter os trabalhadores e suas famílias. Colocar abaixo a reforma trabalhista, previdenciária e a lei da terceirização. Fim da terceirização e efetivação de todos os terceirizados.